



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

AFRICANIDADES NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: NOVOS
RUMOS NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

AFRICANIDADES EN LA LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL: NUEVAS
DIRECCIONES EN EL MERCADO EDITORIAL BRASILEÑO

AFRICANITIES IN CHILDREN'S AND YOUNG PEOPLE'S LITERATURE: NEW
DIRECTIONS IN THE BRAZILIAN PUBLISHING MARKET

Lucilene Rezende Alcanfor
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNILAB-BA
lucilenealcanfor@unilab.edu.br

Jorge Garcia Basso
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNILAB-BA
jorgebasso@unilab.edu.br

Cecília Costa Moreira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNILAB-BA
ceciliacostamoreira33@gmail.com

Thaís Jardim Novaes Sacramento
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNILAB-BA
thais-novaes@hotmail.com

Resumo: O presente artigo propõe apresentar resultados de uma ampla pesquisa de seleção e catalogação da recente produção literária infantil e juvenil brasileira que aborda temas relacionados às culturas africanas e afro-diaspóricas. O recorte temporal do estudo compreende de 2000 a 2024, pela proximidade com a promulgação da Lei 10.639/03 e em alusão aos vinte anos de seus desdobramentos, especialmente no mercado editorial nacional. Dialoga com pressupostos teóricos dos estudos decoloniais e adota como metodologia categorias da materialidade do impresso, apresentando aspectos inerentes à produção e circulação dessas obras. A pesquisa evidencia a importância dessas edições, numa perspectiva crítica à produção etnocêntrica de conhecimento, como uma literatura insurgente que não somente positiva outras



culturas, mas enquanto edições que combatem o racismo epistêmico que nos leva a repensar a história, os currículos e as práticas enraizadas em matrizes de pensamento euro-ocidental.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; Lei 10.639/03; Mercado editorial; Materialidade do impresso; Decolonialidade.

Resumen: Este artículo se propone presentar los resultados de una amplia investigación de selección y catalogación de la producción literaria infantil y juvenil reciente que aborda temas relacionados con las culturas africanas y afrodiaspóricas. El horizonte temporal del estudio oscila entre 2000 y 2024, debido a la proximidad a la promulgación de la Ley 10.639/03 y en referencia a los veinte años de su desarrollo, especialmente en el mercado editorial brasileño. Dialoga con supuestos teóricos de los estudios decoloniales, pero adopta perspectivas sobre la materialidad de la imprenta como metodología, presentando aspectos inherentes a la producción y circulación de estas obras. La investigación resalta la importancia de estas ediciones, desde una perspectiva crítica sobre la producción etnocéntrica de conocimiento, como una literatura insurgente que no sólo positiva a otras culturas, sino como ediciones que combaten el racismo epistémico que nos lleva a repensar la historia, los currículos y las prácticas arraigadas en matrices del pensamiento eurooccidental.

Palabras clave: Literatura infantil y juvenil; Ley 10.639/03; Mercado editorial; Materialidad del material impreso; Descolonialidad.

Abstract: This article aims to present the results of a broad research project to select and catalog recent children's and young adult literature that addresses themes related to African and Afro-diasporic cultures. The time frame of the study ranges from 2000 to 2024, due to the proximity of the enactment of Law 10.639/03 and in allusion to the twenty years of its developments, especially in the Brazilian publishing market. It dialogues with theoretical assumptions of decolonial studies, but adopts as a methodology perspectives of the materiality of the printed material, presenting aspects inherent to the production and circulation of these works. The research highlights the importance of these editions, from a critical perspective of the ethnocentric production of knowledge, as an insurgent literature that not only affirms other cultures, but as editions that combat epistemic racism that leads us to rethink the history, curricula, and practices rooted in matrices of Euro-Western thought.

Keywords: Children's and young adult literature; Law 10.639/03; Publishing market; Materiality of printed matter; Decoloniality.

Introdução

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo, que teve como objetivo inicial realizar o mapeamento e a catalogação de livros de literatura infantil e juvenil relacionados aos temas das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas na recente produção editorial brasileira, especialmente aqueles impulsionados pela Lei nº 10.639/03 (Alcanfor, Panizzolo, 2025). Após o encerramento do primeiro estágio da pesquisa, houve continuidade da proposta



de organização de um banco de dados digital de novas obras, a partir de um edital de iniciação científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). No seu desdobramento, tivemos como foco apenas as obras infantis e juvenis que tematizam culturas africanas e afro-diaspóricas, elegendo como recorte temporal os anos de 2000 a 2024. Tal temporalidade se justifica pela proximidade com a promulgação da Lei 10.639/03 e em alusão aos vinte anos de sua implementação, especialmente no mercado editorial brasileiro, e por marcar o encerramento do edital de fomento. As obras que tematizam as culturas africanas são aquelas que apresentam narrativas especificamente relacionadas ao continente africano, já os textos que definimos como pertencentes às culturas afro-diaspóricas tematizam aspectos do povo negro em diáspora (Alcanfor, Basso, 2024).

Desse modo, partimos das seguintes problemáticas: Como o mercado editorial brasileiro vem ampliando, em seus catálogos, as publicações relacionadas às culturas africanas e afro-diaspóricas? Quais mudanças podemos perceber, nessa recente produção editorial, que se articulam com as políticas afirmativas de valorização e inserção da história dessas no currículo escolar? Quais autores e editores estão produzindo essa literatura? Como essa literatura pode ser interpretada a partir de novas perspectivas epistêmicas e decoloniais?

Foram selecionadas 405 obras que apresentam tais perspectivas epistemológicas, sendo o levantamento documental realizado em diversos acervos digitais: catálogos de editoras brasileiras, Biblioteca Nacional, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Câmara Brasileira do Livro e em plataformas de e-commerce. Para a organização dos dados coletados utilizamos o padrão de metadados Dublin Core (DCMI - Dublin Core Metadata Initiative). Na etapa final da pesquisa, dados e metadados foram hospedados em uma página web construída com o software Omeka S, que permite o armazenamento livre e aberto de conteúdos e coleções digitais. Por meio dessa plataforma, os dados serão disponibilizados para o público em geral, favorecendo buscas avançadas e sua reutilização¹.

O artigo está dividido em três partes: a primeira problematiza a literatura enquanto fonte historiográfica, analisada a partir dos aportes conceituais da materialidade do impresso. A segunda parte apresenta alguns resultados da catalogação e organização do banco de dados e, por fim, são tecidas algumas considerações sobre o tema das africanidades presentes na literatura infantil e juvenil.

¹ O banco de dados digital pode ser acessado em <https://omekas.im.ufrrj.br/s/dlij/page/welcome>. Acesso em 25/02/2025.



A literatura como fonte historiográfica

A literatura infantil e juvenil apresentada neste estudo como decolonial (Walsh, 2013, Santos, 2022) faz parte de uma recente produção que emergiu da luta política dos movimentos sociais, reivindicando a visibilidade epistêmica de povos e culturas que estiveram sempre à margem da história, ignorados e subordinados por apresentarem “outras formas de ser e de saber, outras ontologias e outras epistemologias” (Santos, 2022, p. 109). A injustiça social provocada pelo “colonialismo, pelo capitalismo e pelo patriarcado modernos (...) resultou numa enorme perda e num grande desperdício de experiências – a destruição de conhecimento (epistemicídio) que justificou a subjugação e eliminação das populações que viviam à luz dessas culturas, desses saberes e dessas experiências sociais” (Santos, 2022, p. 109).

A escritora e feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009), em conferência proferida que mais tarde resultaria na publicação do texto *O perigo de uma história única*, afirma que suas leituras na infância eram de livros infantis britânicos e americanos. As histórias, que já escrevia desde tenra idade, eram compostas de personagens brancos de olhos azuis que brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom ter aparecido o sol. Escrevia sobre isso mesmo morando na Nigéria e nunca tendo saído do seu país que não tinha neve, nem maçãs, mas tinha mangas, e mesmo sem nunca falarem do tempo, porque não havia necessidade, já que o sol estava sempre presente.

Adichie estava certa de que só existia uma história a ser contada, o que somente mudou quando descobriu que existiam livros africanos e que pessoas iguais a ela, com a pele negra e cabelo crespo, poderiam existir na literatura. A partir daí, percebeu o quanto somos vulneráveis diante de uma história única, particularmente durante a infância, e que era possível escrever sobre coisas que ela conhecia e vivia. Segundo a autora, é impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder: “como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (Adichie, 2009, s. p.).

Historicamente a literatura infantil brasileira também foi, de modo geral, marcada por uma narrativa única, em especial quando se trata da narrativa oficial dos vencedores. Um exemplo é a obra *As Aventuras de Tibicuera*, de Erico Veríssimo, publicada pela primeira vez em 1937, que fala da saga do indígena Tibicuera, ao narrar os eventos históricos desde o suposto “descobrimento do Brasil”. A respeito da escravidão das populações negras, Tibicuera assim descreve e justifica o trabalho escravo em terras brasileiras



Logo que tomaram conta do Brasil, os portugueses verificaram que não podiam contar com o índio para os trabalhos da lavoura. O indígena era andejo, não se sujeitava a ficar de sol a sol lavrando a terra. (...) Era preciso resolver o problema. Então os portugueses pensaram em trazer negros da África e vendê-los no Brasil como escravos, experimentando-os como lavradores. Entre as próprias tribos africanas cultivava-se a escravidão (Veríssimo, 1978, p. 69).

Fúlvia Rosenberg (1979, 1985), ao analisar a discriminação étnico-racial na literatura para crianças, publicada entre 1950 e 1975, demonstrou o quanto a produção desse período reforçava a visão estereotipada e preconceituosa do negro e do indígena, destacando como suas imagens estavam associadas à condição de inferioridade e subalternidade aos personagens brancos. Ainda em *As Aventuras de Tibicuera*, é visível como a questão do preconceito racial estava posta, ao afirmar o narrador que finalmente “neste bom Brasil velho não há ódios de raça e é possível a um homem de cor conseguir posição na sociedade e na política”, afinal de contas os negros “são criaturas humanas como os brancos” e, se “algum de nós fosse morar na África, permanecendo todo o dia exposto àquele sol, sem qualquer defesa, no final de alguns anos ficaria pretinho da silva” (Veríssimo, 1978, p. 68).

Na contracorrente de uma literatura que subjugava e colocava corpos negros em condição de exploração e inferioridade, este artigo aborda uma produção editorial que promoveu uma guinada epistemológica com o protagonismo de temas africanos e afro-diaspóricos na literatura infantil e juvenil publicada nas últimas décadas (Antonacci, 2014). A proposta apresenta esse conjunto documental numa perspectiva historiográfica, portanto, busca-se adotar um pressuposto materialista de análise, que se diferencia da crença na “transcendência” ou autonomia da literatura, validada apenas por critérios estéticos absolutos, como um objeto histórico a ser explorado e analisado. A perspectiva se alinha à trilha metodológica proposta pela história social de Chalhoub e Pereira (1998, p. 07), os quais apontam a necessidade de se historicizar a obra literária, “inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social”. Apresenta-se, assim, como fonte privilegiada, que deve ser tomada sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizada e submetida ao interrogatório sistemático, que é uma obrigação do ofício do historiador ao se servir da literatura como “testemunho histórico”.

Ao ser interrogada, essa literatura pode nos revelar as condições de produção, as intenções dos sujeitos que as produziram, sobre como esses



representam para si mesmos a relação entre aquilo que dizem e o real, da mesma forma que nos possibilita desvendar aquilo que os sujeitos testemunham sem ter a intenção de fazê-lo, bem como desvelar interpretações ou leituras suscitadas pela obra literária.

Autores e obras literárias são acontecimentos datados, historicamente condicionados, valem pelo que expressam aos contemporâneos. O sentido de um autor ou obra literária não se explica ou se esgota nas suas apropriações futuras – por ter virado cânone, ou até ícone, ou por ter supostamente “antecipado” práticas narrativas de períodos ou movimentos literários posteriores, ou mesmo por ter sido esquecido, ou caído em desgraça, segundo os parâmetros traçados pelas vozes dominantes na crítica literária (Chalhoub; Pereira, 1998).

Nesse caso, partimos também da perspectiva da História Cultural, que tem privilegiado o livro como produto editorial que se inscreve no território conceitual e historiográfico de Roger Chartier (1990), para o qual é central o sentido de materialidade do impresso:

Contra a representação, elaborada pela própria leitura, do texto ideal, abstracto, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor (Chartier, 1990, p. 126-127).

Para Chartier (2014), a audácia do historiador que se aventura na abordagem da literatura como documento reside no princípio de que todo texto tem uma forma material, uma materialidade, e o historiador do livro é aquele que sabe lidar com essa fonte como objeto cultural que guarda as marcas de sua produção e de seus usos, o que demanda reconhecê-la como um suporte material, bem como um dispositivo modelizador de práticas de leitura que traz à cena os usos que prescreve, a partir dos dispositivos textuais e tipográficos, como forma produtora de sentido. Trata-se daquilo que ele afirma ser uma arqueologia dos objetos em sua materialidade (Chartier, 1990).

Portanto, a referência ao método historiográfico para analisar essa literatura dá-se no sentido de interrogá-la sobre as condições da sua produção e circulação como produto editorial, as intenções dos sujeitos que a produziram, os sentidos que a sua materialidade carrega e que se fazem presentes no projeto editorial, na apresentação da capa, no formato do livro, na ilustração, na



construção narrativa, enfim, como os sujeitos e suas culturas se encontram nela representados.

Do conjunto das obras mapeadas e catalogadas nos acervos das editoras, foram selecionados autores que visibilizam a representação e o protagonismo de sujeitos africanos e afrodescendentes na literatura infantil e juvenil publicada no Brasil. Essa perspectiva analítica demanda questionar a função autor de uma obra, demarcando “o modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade (...) na medida em que os discursos se tornaram transgressores” (Foucault, 2002, p. 47). Chartier (1994) também destaca que escrever não é suficiente para se consagrar como autor, é preciso acima de tudo fazer circular suas obras entre o público por meio da impressão. É necessário reconhecer o papel do autor nos estudos sobre a história das edições (Chartier, 1990, 2014) mas, sobretudo, identificar a produção de diferentes discursos em momentos históricos específicos.

Os estudos culturais têm evidenciado que é preciso identificar o modo como em momentos históricos e lugares distintos uma determinada realidade social é construída, pensada e lida (Chartier, 1990), uma vez que as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam, são manifestadas pelos discursos proferidos de acordo com a posição de quem os utiliza, “estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação” (Chartier, 1990, p. 16-17).

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (Chartier, 1990, p. 17).

Stuart Hall (2013, p. 372-373), no capítulo Que “negro” é esse na cultura negra? discute o momento histórico em que emerge a questão da cultura popular negra. Citando Cornel West, que propôs uma genealogia do que seria esse momento, seu pensamento se estrutura a partir de três eixos interpretativos: o primeiro é o deslocamento da universalidade do modelo europeu de alta cultura; o segundo é o surgimento dos EUA como potência mundial e, conseqüentemente, como centro de produção e circulação global de cultura; o terceiro eixo é a descolonização do Terceiro Mundo, marcado culturalmente pela emergência das sensibilidades descolonizadas. Hall entende a descolonização do Terceiro Mundo no sentido de Franz Fanon (2008), incluindo o impacto dos direitos civis e as lutas negras pela descolonização das mentes dos povos da diáspora negra.



O deslocamento da Europa para a América, num momento de globalização cultural, evidenciou um novo período na pós-modernidade, provocando uma importante mudança no terreno da alta cultura rumo ao popular, nas práticas populares, cotidianas, nas narrativas locais, no descentramento de antigas hierarquias e de grandes narrativas. O que pretendemos destacar, a partir do pensamento de Hall, é que tais grupos culturais, embora permaneçam em situação periférica, nunca desfrutaram de um espaço tão produtivo como agora dentro da cultura dominante, resultado das lutas que promoveram conquistas importantes, fomentando identidades historicamente marginalizadas. Tais evidências percebemos no conjunto de obras catalogadas neste estudo, conforme apresentamos a seguir.

As temáticas africanas e afro-diaspóricas nos catálogos editoriais

O processo de crescimento da literatura infantil e juvenil, iniciado a partir dos anos 1970, vem, a cada década, ganhando espaço nas editoras e representando fatia cada vez maior do mercado. Ao lado do livro didático, ambos contemplam tal público e lideram, com ampla vantagem, um mercado concorrencial. Sua materialidade depende de uma cadeia de instâncias e sujeitos – escritores, ilustradores, capistas, editores de texto, revisores – e da rede que compreende desde a escolha do selo editorial, distribuidores, livrarias convencionais ou plataformas de e-commerce, onde atuam profissionais com distintas funções. Tal profissionalização dos agentes na cadeia do livro é pensada em função do leitor, consumidor da mercadoria por eles fabricada (Lajolo; Zilberman, 2017; Chartier, 2020).

Assim, os livros infantis e juvenis são oferecidos a seus possíveis destinatários, considerando as variadas faixas etárias em que se distribui o flutuante público de crianças e jovens. Tais leitores – nas origens do gênero no Brasil indistintamente nomeados como crianças – são agora sofisticadamente redistribuídos em subcategorias como jovem adulto, leitor proficiente, leitor pré-alfabético e mais outras tantas denominações pelas quais a imaginação editorial, com uma mãozinha da Pedagogia, distribui sua clientela virtual segundo sua competência leitora (Lajolo; Zilberman, 2017, p. 63-64).

Em tal contexto, assim como observamos na pesquisa, um autor pode ser convidado a redigir vários títulos, fomentando um ritmo de produção aparentemente diverso daquele comumente associado à criação artística. Com isso, tanto se produz por iniciativa própria, em torno de um projeto literário, como se atende a obras encomendadas por editoras para satisfazer expectativas



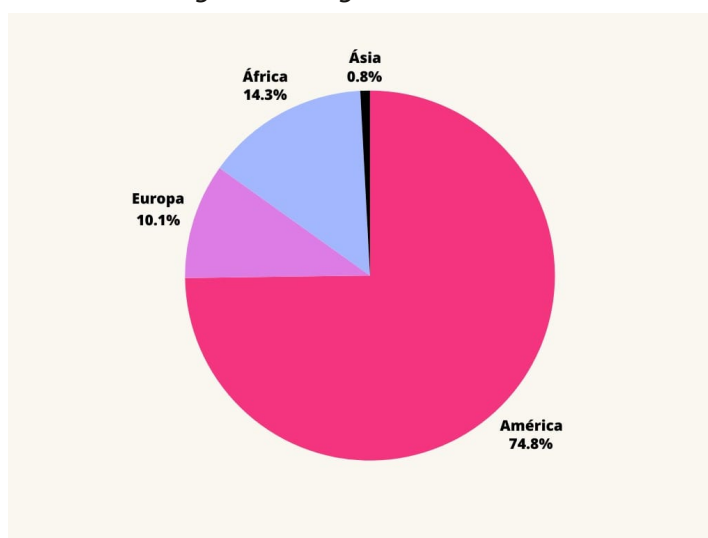
específicas do mercado editorial, o que torna intensa a demanda por determinadas temáticas.

O conjunto de obras catalogadas nesta pesquisa não esgota toda a produção do período, mas aponta avanços que, provavelmente, não seriam tão promissores sem o amparo legal da lei 10.639/03, que obriga o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar. Por outro lado, como destacam Lajolo e Zilberman (2017), o fortalecimento e expansão da literatura infantil e juvenil no mercado editorial brasileiro oferece a escritores e ilustradores oportunidade de uma efetiva profissionalização, o que pode ser evidenciado pela qualidade editorial das obras produzidas, resultando em títulos altamente recomendáveis pelo nível de premiações nacionais e internacionais.

No estudo foram catalogadas 405 obras de literatura infantil e juvenil, publicadas entre o período de 2000 a 2024, considerando no levantamento os seguintes metadados: autor, ilustrador, editora, data da edição, assuntos abordados, sinopse, iconografia da capa, idioma e fonte de acesso à capa e aos dados bibliográficos².

Esse conjunto de livros foi produzido por 257 autores de diversas nacionalidades, sendo a maioria do continente americano, dos quais 171 são brasileiros. Na sequência temos os autores africanos (Moçambique, Angola, África do Sul, Guiné-Bissau, Camarões, Malawi, Costa do Marfim, Senegal, Jamaica, Gana, Nigéria, Zimbábue), os europeus e uma pequena parcela originária de outros continentes.

Figura 1: Origem dos autores



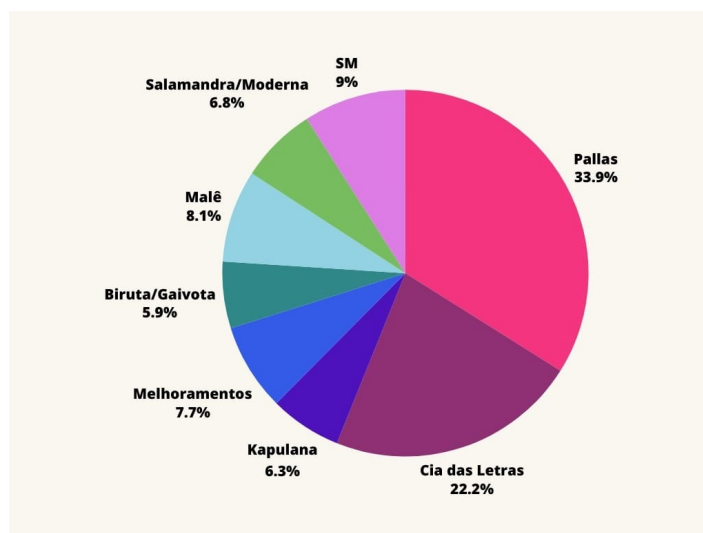
Fonte: Gráfico elaborado pelos autores

² Por se tratar de um volume muito grande de metadados, são registrados apenas dados gerais dessa produção, apresentando na íntegra o título da obra, autor e ano da edição localizada.



Os títulos catalogados foram localizados em 75 editoras, sendo a editora Pallas a que mais tem publicado durante o período pesquisado (75 títulos). Na sequência estão a Companhia das Letras (49 títulos), SM (20 títulos), Malê (18 títulos), Melhoramentos (15 títulos), Salamandra/Moderna (15 títulos), Kapulana (14 títulos), Biruta/Gaivota (13 títulos), seguidas de outras de menor produção.

Figura 2: Publicações por editora



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores

Convém destacar o recente crescimento de algumas editoras que têm privilegiado em seus catálogos temáticas africanas e afro-diaspóricas. Uma delas é a Pallas, fundada em 1975, do Rio de Janeiro, que dedica grande parte do seu catálogo aos temas afrodescendentes. No seu site, afirma estar interessada na compreensão e na valorização de nossas raízes culturais e ciente do ainda precário registro dos saberes africanos na diáspora e de sua importância como uma das matrizes fundadoras de nossa nacionalidade, buscando recuperar os saberes ancestrais dos diversos povos africanos continuamente trazidos para o Brasil durante o regime escravista e valorizando-os como formas fundamentais de expressão da brasilidade.

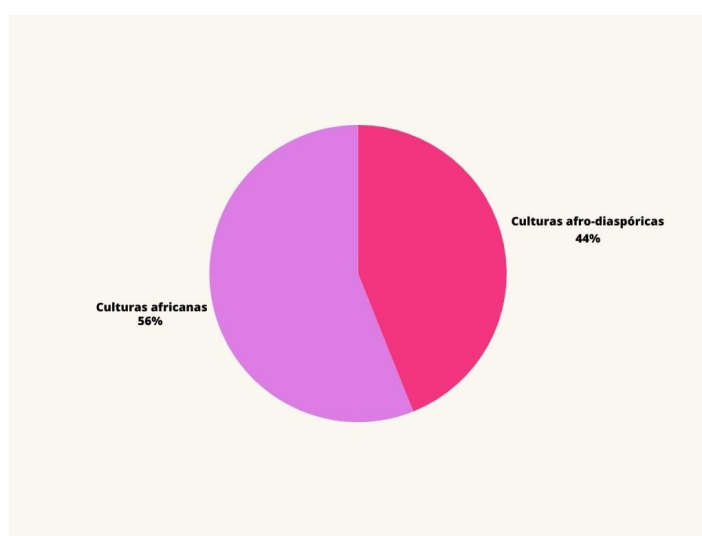
A Malê, editora e produtora cultural fundada em 2015, também no Rio de Janeiro, tem como foco priorizar a edição de textos de literatura de escritores e escritoras negros contemporâneos, promover o acesso a suas obras e contribuir para a modificação de ideias pré-concebidas sobre os indivíduos negros no Brasil. Outra nova editora que também vem se destacando nesse mercado é a Kapulana, localizada na cidade de São Paulo, que foi criada em 2012, mas somente em 2015 começou a investir em literatura infantil, especialmente de literaturas africanas de língua portuguesa e de países como Moçambique e



Angola, além de livros bilíngues e de temática inclusiva. A partir de 2017, ampliou seu foco para as literaturas africanas de outros países, como Nigéria, Quênia e Zimbábue, e iniciou a tradução e publicação no Brasil de obras de escritoras e escritores africanos de língua inglesa.

Quanto às temáticas elegidas no estudo, destacamos no mercado editorial a predominância de publicações relacionadas às culturas do continente africano em relação aos temas afro-brasileiros e suas diásporas, conforme se vê no gráfico da figura 3.

Figura 3: Temáticas abordadas



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores

Em relação à catalogação dos grupos temáticos relacionados às culturas africanas e afro-diaspóricas, observamos alguns subgrupos que perpassam as narrativas, como temas ligados aos aspectos culturais e geográficos, mitologias, relações étnico-raciais, infância e afetividade, biografia e memória e outros. Isso não significa, entretanto, que as obras não possuam mais de uma dimensão, abordando temas correlatos como, por exemplo, uma obra que se proponha a abordar relações étnico-raciais também contemple aspectos relacionados às mitologias. Portanto, a divisão adotada entre temas ligados às culturas africanas, afro-brasileiras e suas diásporas, tem exclusivamente o sentido de classificar a abordagem predominante nos textos, conforme apresentado abaixo.



Obras relacionadas às temáticas das culturas africanas

Rogério Andrade Barbosa: Histórias africanas para contar e recontar (2001); Bichos da África 2: lendas e fábulas (2003); Contos africanos para crianças brasileiras (2004); Dulla, a mulher canibal: um conto africano (2005); Os gêmeos do tambor: Reconto do povo Massai (2006); Outros contos africanos para crianças brasileiras (2006); O senhor dos Pássaros (2006); Nyangra Chena: a cobra curandeira (2006); ABC do continente (2007); Não chore ainda não (2007); Uma ideia luminosa (2007); Os três presentes mágicos (2007); Irmãos Zulus (2007); Histórias que contaram em Luanda (2009); Três contos africanos de adivinhação (2009); Kalahari – uma aventura no deserto africano (2009); Pigmeus – os defensores da floresta (2009); Pra lá de Marrakech (2009); Jambo: uma manhã com os bichos da África (2010); Bichos da África 3: lendas e fábulas (2010); Bichos da África 4: lendas e fábulas (2010); Bichos da África 1: lendas e fábulas (2011); Ndule, Ndule: assim brincam as crianças africanas (2011); Madiba, o menino africano (2011); Nem um grão de poeira (2011); A tatuagem – reconto do povo Luo (2012); Karingana wa Karinkana: histórias que me contaram em Moçambique (2012); Zanzibar, a ilha assombrada (2012); O filho do vento (2013); Naninquia – a moça bonita (2013); Lobu ku xibinhu – histórias que as crianças me contaram em Cabo Verde (2014); Sundjata, o príncipe leão (2014); Contos ao redor da fogueira (2014); Nem um grão de poeira (2014); Soyas de sun tataluga: Histórias que me contaram em São Tomé e Príncipe (2015); Danite e o leão: Um conto das montanhas da Etiópia (2016); Madiba – O menino africano (2016); Beijados pelo sol (2017); O segredo das tranças e outras histórias africanas (2019); Kakopi, kakopi: brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos (2019); A orelha vai à escola todos os dias (2020); Sona: contos africanos desenhados na areia (2020); Nas garras dos balbuínos: um reconto da tradição oral do povo Zulu (2021); O espanta moscas – conto de enigma do povo Ashanti de Gana (2021); Contos das terras da rainha Sabá (2022); Que bicho passou por aqui? (2022); Meu nome é Mashala (2023); As três tarefas: reconto nigeriano (2024). **Rogério Andrade Barbosa e Yaguare Yamã:** Doze brincadeiras indígenas e africanas: da etnia Maraguá e dos povos do Sudão do Sul (2022). **Ondjaki:** Avó dezanove e o segredo dos soviéticos (2009); Ynari, a menina das cinco tranças (2010); A bicicleta que tinha bigodes (2012); O voo do golfinho (2012); Uma escuridão bonita (2013); Ombela a origem das chuvas (2014); Os vivos, os mortos e o peixe- frito (2014); O convidador de pirilampus (2018); A estória do sol e do rinoceronte (2021); Os da minha rua (2021); Coisas desalinhas (2023); Os olhos grandes da menina pequenina (2023). **Heloísa Pires Lima:** O espelho dourado (2003); O comedor de nuvens (2009); O coração do Baobá (2014); O rei que assobiava (2021). **Heloísa Pires Lima; Georges Gneka e Mario Lemos:** A semente que veio da África (2005). **Heloísa Pires**



Lima; Décio Gioielli e Marie Ange Bordas: A Mbira da beira do rio Zambeze: canções do povo xona inspiram crianças brasileiras (2008). **Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade:** Lendas da África moderna (2010). **Heloísa Pires Lima e Leila Leite Hernandez:** Toques de Griô (2011). **Heloísa Pires Lima e Mário Lemos:** Capulana, um pano estampado de histórias (2018). **Celso Sisto:** Mãe África: mitos, lendas fábulas e contos (2007); Lebre que é lebre não mia (2007); O casamento da princesa (2009); Raio de sol, raio de lua (2011); A dona do fogo e da água (2012); O acaçá de cada um (2012); O homem da árvore na cabeça (2014); Batu o filho do rei (2015); Kalinda e a princesa que perdeu os cabelos e outras histórias africanas (2016). **Zetho Cunha Gonçalves:** Debaixo do arco-íris não passa ninguém (2006); A caçada real (2012); A vassoura do ar encantado (2012); Dima, o passarinho que criou o mundo: mitos, contos e lendas dos países de língua portuguesa (2013); Rio sem margem: poesia da tradição oral africana (2013). **Júlio Emílio Braz:** Lendas Negras (2001); Sikulume e outros contos africanos (2005); Lendas da África (2008); Moçambique" (2011); Cinco fábulas da África (2012). **Niki Daly:** Cadê você, Jamela? (2006); O que tem na panela, Jamela? (2006); Feliz aniversário, Jamela (2009); O vestido de Jamela (2012). **James Rumford:** Chuva de manga (2005); Escola de chuva (2010); O presente de aniversário do marajá (2017). **Mia Couto:** O beijo da palavrinha (2006); O pátio das sombras (2018); A água e a água (2019). **Adilson Martins:** O papagaio que não gostava de mentiras (2008); Erinlé, o caçador e outros contos africanos (2008); Lendas de Exu (2014). **Meshack Asare:** A cabra mágica (2007); O chamado de Sosu (2016). **Maté:** Krokô e galinhola: um conto africano (2008); Aminata a tagarela (2015). **Nei Lopes:** Kofi e o menino de fogo (2008). **Muriel Bloch e Nei Lopes:** Bebel África (2022). **Débora D'Zambê:** Como o criador fez surgir o homem na terra e outras histórias da tradição Zulu (2009). **Julio D'Zambê e Débora D'Zambê:** Nzuá e o arco-íris (2010). **Lenice Gomes, Arlene Holanda e Clayson Gomes:** Nina África (2009). **Lenice Gomes:** Amores em África (2017). **Maria Celestina Fernandes:** A árvore dos gingongos (2009); Kalimba (2015). **Sunny:** Ulomma: a casa da beleza e outros contos (2011); O Natal de Nkem (2014). **Rogério Athayde:** Exu e o mentiroso (2012); O filho querido de Olokun (2018). **Pedro Pereira Lopes:** Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas (2015); Kanova e o segredo da caveira (2017). **Souleymane Mbodj:** Diarabi e Mansa (2016); Contos e músicas da África (2020). **Marcos Cajé:** Akin: o rei de Igbo (2020); Igbo e as princesas (2021). **Marilda Castanha:** Agbalá: Um lugar - continente (2001). **Angela Shelf Medearis:** Os sete romances: um conto de Kwanzaa (2005). **Iris Maria da Costa Amâncio:** A ginga da rainha (2005). **Joel Rufino dos Santos:** Gosto da África: histórias de lá e daqui (2005). **Richard Chamberlin e Mary Chamberlin:** As panquecas de Mama Panya (2005). **Verna Aardema:** Por que os mosquitos zunem no ouvido da gente? (2005). **Luciana**



Savaget: Sua majestade, o elefante: contos africanos (2006). **Marie Sellier:** A África, meu pequeno Chaka (2006). **Nelson Saúte:** O homem que não podia olhar para trás (2006); **Rachel Isadora:** A princesa e a ervilha (2006). **Silviane Anna Diouf:** As tranças de Bintou (2006). **Esmeralda Ribeiro:** Orukomi Meu Nome (2007). **Francesca Martin:** Os caçadores de mel: contos tradicionais africanos (2007). **Laurie Krebs:** Um safari na Tanzânia (2007); **Ricardo Dreguer:** Bia na África (2007). **Raul Lody:** Seis pequenos contos africanos sobre a criação do mundo e do homem (2007). **Anna Soler-Pont:** O príncipe medroso e outros contos africanos (2009). **Claude Brum:** O homem frondoso e outras histórias da África (2009). **Kiusam de Oliveira:** Omo-Oba: histórias de princesas (2009); **Nelson Mandela:** Meus contos africanos (2009). **André Neves:** Obax (2010). **Boniface Ofogo e Elisa Arguile:** O leão kandinga (2010). **Christiane Lavaquerie-Klein e Laurence Paix-Rusterholtz:** Nyama: tesouros sagrados dos povos africanos (2010). **David Conway:** Lila e o segredo da chuva (2010). **Fábio Gonçalves Ferreira:** A África de dona Bia (2010). **Fernando Paixão:** Canção dos povos africanos (2010). **Gcina Mhlophe:** Histórias da África (2010). **Marion Villas Boas:** Quibungo (2010). **Mhlobo Jadezweni:** Grande assim (2010). **Rui de Oliveira:** África eterna (2010). **Toni Brandão:** Nzuá e a cabeça (2010). **Cristina Lavrador Alves:** Os dez gigantes: reconto africano (2011). **Ingrid Biesemeyer Bellinghausen:** Histórias encantadas africanas (2011). **José Luandino Vieira:** Kaxinjengele e o poder: uma fábula angolana (2011). **Mercé López:** O menino que comia lagartos (2011). **Prisca Agustoni:** O Mundo começa na cabeça (2011). **Seong Eun Gang:** Nelson Mandela o prisioneiro mais famoso do mundo (2011). **Ana Cristina Massa:** Aqualtune e as histórias da África (2012). **Baba Wagué Diakité:** O dom da infância (2012). **Dominique Torres:** Você é livre (2012). **Geraldo Costa:** A ilha do crocodilo: contos e lendas do Timor Leste (2012). **Alain Serres:** Mandela: o africano de todas as cores (2013). **Camara Laye:** O menino negro (2013). **Susana Aventura:** O tambor africano e outros contos dos países africanos de língua portuguesa (2013). **Andi Rubinstein e Madalena Monteiro:** O filho do caçador: e outras histórias-dilema da África (2014). **Anabella López:** A força da palmeira (2014). **Inge Bergh e Inge Misschaert:** A jornada do pequeno senhor tartaruga (2014). **Mércia Maria Leitão e Neide Duarte:** Formas e cores da África (2014). **Véronique Vernet:** Esperando a chuva (2014). **Christopher Corr e Stephen Davies:** Não derrame o leite (2015). **Claire A. Nivola:** Plantando árvores no Quênia (2015). **Fábio Simões:** Olelê: Uma antiga cantiga da África (2015). **Marcel Tenório e Theo de Oliveira:** Alafià e a pantera que tinha olhos de rubi (2015). **Rosa Margarida de Carvalho Rocha:** Bino, o menino africano da cor do algodão (2015). **Sílvia Bragança:** O sonho da lua (2015). **Adriana Morgado:** A caixa de Zahara (2016). **Hélder Faife:** As armadilhas da floresta (2016). **Ilan Brenman:** A amizade eterna: e outras vozes da África (2016). **Lalau e Laurabeatriz:** Bichos da terra



dos bichos africanos (2016). **Lucílio Manjate**: O jovem caçador e a velha dentuça (2016). **Maria Clara Cavalcanti**: Mussa: um conto popular africano (2016). **Sérgio Túlio Caldas**: Com os pés na África (2016). **Tatiana Pinto**: A viagem (2016). **Thierry Dedieu**: Akuaba (2016). **Ungulani Ba Ka Khosa**: O rei mocho (2016). **Verônica Bonfim**: A Menina Akili e seu tambor falante (2016). **Alexandre Dunduro**: O casamento misterioso de Mwidja (2017). **Luana Chnaiderman de Almeida**: Contos de Moçambique (2017). **Manu Maltez**: Cambaco (2017). **Rogério Manjate**: Waze (2017). **Silvana Salerno**: África – Contos do rio, da selva e da savana (2017). **Viviana Mazza**: O menino Nelson Mandela (2017). **Yann Dégruel**: Sabá e a planta mágica (2017). **Adelino Timóteo**: Na aldeia dos crocodilos (2018). **Carlos dos Santos**: O caçador de ossos (2018). **Marie Ange Bordas**: Dois meninos de Kakuma (2018). **Marcelo Panguana**: Leona, a filha do silêncio (2018). **Régis Rocha e Daniela Aguiar**: Baby: A maravilha mirim (2018). **Virgínia Maria Yunes**: Cartas entre Marias: uma viagem a Guiné Bissau (2018). **Carlos Seabra**: O Livro dos jogos das crianças indígenas e africanas (2019). **Avani Souza Silva**: A África recontada para crianças (2020). **Goya Lopes**: Tecelagem: uma história ilustrada (2020). **Angelo Abu**: À sombra da mangueira (2021). **Bruna Lubambo e Sekuru Compound Muradziwa**: Contos de cabras e bodes (2021). **Cidinha da Silva**: O mar de Manu (2021). **Magdalene Sacranie**: O amuleto perdido e outras lendas africanas (2021). **Regina Gonçalves**: Ubuntu, Madiba! (2021). **Sheila Perina de Souza**: As brincadeiras africanas de Weza (2021). **Valanga Khoza**: Dumazi e o grande leão amarelo (2021). **William Kamkwamba e Bryan Mealer**: O menino que descobriu o vento (2021). **Celina Bodenmüller e Fabiana Prando**: Contos encantados da África (2022). **Eliseu Banori**: Djarama: obrigado (2022). **Fernando Carlos**: Kimbi e a magia na floresta (2022). **Flávia Lins e Silva**: Diário de Pilar na África (2022). **James Berry**: O vestido de Afiya (2022). **Juliana Correia**: Akua'ba (2022). **Luís Antônio Simas**: Orikis: Histórias de terreiro (2022). **Otávio Júnior**: Guardiãs de memórias nunca esquecidas (2022). **Rose Rimbau e Rocío Araya**: A carta de Moussa (2022). **Rui Rosa**: Do arco e flecha ao berimbau (2022). **Biyong Djehuty**: Iteru: era uma vez as crianças do Nilo (2023). **Frédéric Marais**: Yasuke – O samurai negro (2023). **Isa Colli**: Luke em: uma aventura na África (2023).

Obras relacionadas às temáticas das culturas afro-diaspóricas

Sonia Rosa: É o tambor de crioula! (2000); Maracatu (2006); O tabuleiro da baiana (2006); Capoeira (2006); Jongo (2006); Feijoada (2006); O menino Nito (2008); Os tesouros de Monifa (2009); Palmas e vaías (2009); Abraços pra lá e pra cá (2011); Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta (2012); Zum zum Zumbiiiiiiii: história de Zumbi dos Palmares para crianças (2016); Dona



Brígida (2019); Enquanto o almoço não fica pronto (2020); Lindara, a menina que transbordava palavras (2020); O dragão do mar (2020); A bela adormecida do samba (2021); Antônia quer dormir (2022); Antônia quer passear (2022); Antônia quer brincar (2022); Chama o sol, Matias! (2022); Meu nome é Raquel Trindade, mas pode me chamar de Rainha Kambinda (2023); Antônia quer comer (2024). **Reginaldo Prandi:** Os Príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira (2001); Ifá, o adivinho (2002); Xangô, o Trovão (2003); Oxumarê, o arco-íris (2004); Contos e Lendas afro-brasileiros: a criação do mundo (2007); Aimó: uma viagem pelo mundo dos orixás (2017). **Kiusam de Oliveira:** O Mundo no Black Power de Tayó (2013); O mar que banha a ilha de Goré (2014); Black power de Akin (2020); Com qual penteado eu vou? (2021); Solfejos de Fayola (2021); Tayó em quadrinhos (2021); Pequeno manual de meditação: para crianças que querem se conectar com o mundo (2022); Mãos (2024). **Carolina Cunha:** Aguemon (2002); Eleguá (2007); Yemanjá (2007); ABC afro-brasileiro (2009); Mestre gato e comadre onça (2011); Awani (2013); Ogum igbo igbo (2014). **Otávio Junior:** Da minha janela (2019); Grande circo favela (2019); Morro dos ventos (2020); O garoto da camisa vermelha (2020); De passinho em passinho: um livro para dançar e sonhar (2021); Menino Benjamim (2022). **Teresa Cárdenas:** Cachorro velho (2010); Cartas para a minha mãe (2010); Contos de Olófi (2017); Mãe Sereia (2018); Awon Baba (2022). **Lia Zatz:** Luanda, filha de Iansã (2007); Tenka, preta pretinha (2007); Uana e marrom de terra (2007); Papi, o construtor de pipas (2007); Manu da noite enlutarada (2007). **Anna McQuinn:** Lulu adora a biblioteca (2012); Lulu adora histórias (2014); Lulu lê para o Zeca (2020); Lulu vai para a escola (2023); Lulu na festa do pijama (2023). **Heloísa Pires Lima:** Histórias da Preta (2005); Benjamin, o filho da felicidade (2007); O comedor de nuvens (2009); O marimbondo do quilombo (2010). **Heloisa Pires Lima, Willivane Ferreira de Melo e Águida Maria Araújo de Vasconcelos:** O fio d'água do quilombo: uma narrativa do Zambeze no Amazonas (2013). **Lázaro Ramos:** Caderno de Rimas do João (2015); Caderno sem rimas da Maria (2018); Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser (2019); Edith e a velha sentada (2021). **Luís Pimentel:** Neguinho aí (2009); Neguinho do rio (2011); Neguinho brasileiro (2014). **Rogério Andrade Barbosa:** Memória das palavras (2006); Em Angola tem? No Brasil também! (2010); A caixa dos segredos (2011). **Janaina de Figueiredo:** Meu avô é um tata (2019); A rosa e o poeta do morro (2022); Sapatinho de Makota (2022). **Walter Fraga e Wlamyra R. de Albuquerque:** Uma história da cultura afro-brasileira (2009); O que há de África em nós (2013). **Raul Lody:** As gueledés: a festa das máscaras (2010); Kianda: a sereia de Angola que veio visitar o Brasil (2020). **Irene Vasco:** Letras de Carvão (2016); A professora da floresta e a grande serpente (2021). **Cássia Vale e Luciana Palmeira:** Calu: uma menina cheia de histórias (2017); Princesas negras (2019). **Leonardo Chalub:** Palmares de Zumbi (2019); Dandara e a



falange feminina de Palmares (2021). **Emicida**: Amoras (2018); E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas (2020). **Fábio Monteiro**: Histórias sopradas em vento (2018); Cartas a povos distantes (2024). **Rodrigo França**: O pequeno príncipe preto (2020); O menino e a sua árvore (2024). **Gercilga de Almeida**: Bruna e a galinha d'angola (2000). **Sylvia Orthof**: O rei preto de Ouro Preto (2003). **Joel Rufino dos Santos**: O presente de Ossanha (2006). **Eneida Duarte Gaspar**: Falando banto (2007). **Bia Hetzel**: Berimbau mandou te chamar (2008). **Lenice Gomes**: A menina que bordava bilhetes (2008). **Nei Lopes**: Kofi e o menino do fogo (2008). **Patrícia Santana**: Minha mãe é negra sim! (2008). **Helena Theodoro**: Os ibejis e o carnaval (2009). **Nilma Lino Gomes**: Betina (2009). **Ruth Rocha**: O amigo rei (2009). **Meire Cazumbá e Marie Ange Bordas**: Histórias da Cazumbinha (2010). **Leonardo Muller**: Clebyinho: o babalorixá aprendiz (2010). **Adriano Messias**: Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão (2011). **André Diniz**: A cachoeira de Paulo Afonso (2011). **Angela Lühning**: Fotografando Verger (2011). **Riter**: Pedro noite (2011). **Luciana Sandroni**: Um quilombo no Leblon (2011). **Gustavo Gaivota**: Chico Juba (2011). **Valéria Belém**: O cabelo de Lelê (2012). **Elizabeth Rodrigues da Costa e Gabriela Romeu**: Tutu-Moringa: história que tataravó contou (2013). **Ed Frank**: Olhe para mim (2014). **Narcimária do Patrocínio Luz**: Obá Nijô: O rei que dança pela liberdade (2014). **Stefania Capone e Leonardo Carneiro**: Modupé, meu amigo (2015). **Lidia Izecon**: Confusões de Dona Ana X confusões de Seu José (2015). **Marion Villas Boas**: Os orixás: sob o céu do Brasil (2015). **Olegário Alfredo**: O pente penteia (2015). **Ricardo Dreguer**: Kiese: História de um africano no Brasil (2015). **Álvaro Cardoso Gomes e Rafael Lopes de Sousa**: Um grito de liberdade: a saga de Zumbi dos Palmares (2016). **Allan da Rosa**: Zumbi, assombra quem? (2017). **Ana Paula Marini**: O lápis cor da pele do menino marrom (2017). **Eduardo Ventillo**: Palmares: a luta pela liberdade (2017). **Rosana Rios**: Foi ele que escreveu a ventania (2017). **Kenya Maria**: Flechinha – O príncipe da floresta (2018). **Anna Gobel e Ronaldo Fraga**: Uma festa de cores: memórias de um tecido brasileiro (2019). **Alex T. Smith**: Chapeuzinho e o leão faminto (2019). **Davi Nunes**: Bucala: a princesa do quilombo do Cabula (2019). **Geni Guimarães**: O pênalti (2019). **Mirna Pinsky**: Nó na garganta (2019). **Geraldo Valério**: Janaína já sabe contar (2020). **Kelly Silvestre**: Cora e o dedo (2020). **Everson Bertucci e Mafuane Oliveira**: Mesma nova história (2021). **Andressa Reis**: Da cor que eu sou (2021). **Claúdio Fragata**: A África que você fala (2021). **Elaine Marcelina**: Beata: a menina das águas (2021). **Luiz Antônio Simas**: Ogum: O inventor de ferramentas (2021). **Marilda Castanha**: Ops (2021). **Patrícia Auerbach**: Eu também (2021). **Taís Espírito Santo**: Ashanti: nossa pretinha (2021). **Vagner Amaro**: Madisa e a vovó alegria (2021). **Adailton Medeiros**: Papaco e Lilico, a floresta e o circo (2022). **Adriana de Almeida Navarro**: Carolina Maria de Jesus



(2022). **Alan Alves Brito**: Antônia e os cabelos que carregavam o segredo do universo (2022). **Lilia Moritz Schwarcz**: Óculos de cor: ver e não enxergar (2022). **Joana Gabriela Mendes e Mari Santos**: Manual de penteados para crianças negras (2022). **José Antônio Zetó**: Uma bibliotecária maluquinha (2022). **Tatiane Silva Santos**: Mungunzá (2022). **Rui Rosa**: Do arco e flecha ao berimbau (2022). **Georgina Martins**: Vocês viram a minha mãe? (2022). **Adriel Bispo**: Voando entre sonhos (2023). **Ana Fátima**: Os dengos na moringa de voinha (2023). **Caio Zero**: Aqui e aqui (2023). **Claudia Costta**: Ayana e o passeio à lagoa do Abaeté (2023). **Daiana de Souza**: Jornal dos tigres (2023). **Luana Rodrigues**: Mar de Marielle (2023). **Jessé Andarilho**: Cadu quer brincar (2023). **Joanice Conceição**: Lágrimas de Yemanjá (2023). **Júlio Emilio Braz**: Na ponta de meus dedos (2023). **Júnia Bertolino**: Iansã é vento, brincando faz o meu cabelo dançar (2023). **Ingrid Silva**: A bailarina que pintava suas sapatilhas (2023). **Renato Garcia**: Neguinha, sim! (2023). **Eliana Alves Cruz e Estevão Ribeiro**: Gênios da nossa gente: personalidades negras (2024). **Elisabete da Cruz**: Muzunga (2024). **Julie Fogliano**: Se você quiser voar (2024). **Sandra V. Feder**: Eu fico de boa (2024). **Waldete Tristão**: O quintal das irmãs (2024).

Em dinâmicas decoloniais, as africanidades presentes nesse catálogo literário refletem o compromisso que esses autores assumem, cada um a seu modo, com uma nova expressão artística e diversa de povos e culturas que atravessaram a modernidade, afrontando práticas e recontando suas histórias (Antonacci, 2014, p. 334).

Descoladas, banalizadas, adulteradas pela modernidade e seus recursos técnicos e pedagógicos, entre muitos o folclore e o letramento etnocêntrico, suas memórias situam-se entre a 'lógica da razão gráfica' e 'astúcia da razão oral', tornando possível pensar no vigor decolonial de pedagogias performáticas fundadas em 'condições de enunciação' (Antonacci, 2016, p. 247).

Desse conjunto de obras, percebemos trabalhos de memória que representam linguagens e práticas culturais guardiãs de suas africanidades, latentes em culturas orais, nutridos por uma filosofia em provérbios, fábulas, mitos, contos e cantos (Antonacci, 2016).

O escritor queniano Ngugi wa Thiong'o, ao pesquisar ritmos, inflexões tonais e sonoras em contos, canções, provérbios, adivinhações na língua kikuio, entrou em contato com um renascimento pulsante de tradições orais, constatando que o maior desafio foi reivindicar para as literaturas orais um lugar em primeiro plano. Para esse intelectual



As tradições orais são ricas e variadas. Sua frequência poderá inspirar novos procedimentos e encorajar a experimentação de novas formas. O ensino de literatura oral completa, sem substituir, o da literatura africana moderna. Fiel àquela herança, a nova literatura poderá se abrir a outras ideias e formas sem perder suas raízes (Thiong'o apud Antonacci, 2014, p. 339).

No interior desse processo histórico complexo e dinâmico, o africano “criou algo imprevisível a partir unicamente dos poderes da memória”, tendo como base “pensamento de rastros/resíduos, que lhe restavam” (Glissant, 2005, p. 47). Muitas dessas histórias, que fazem parte de conhecimentos das tradições orais, são mantidas e preservadas por griots. Para as culturas africanas, os griots são os guardiões das histórias, seus contadores por excelência, poetas e músicos, conhecem muitas línguas e viajam pelas aldeias, escutando relatos e recontando a história das famílias como um conhecimento vivo. Para Hampâté Bâ (2010), os conhecimentos herdados desses mestres compõem a tradição oral, transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo ao longo dos séculos, pois são a memória viva da África. Na tradição oral, o espiritual e o material não estão dissociados.

Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação (...). Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribui para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana (Hampâté Bâ, 2010, p. 169).

Esses autores, em suas obras, produziram uma literatura que articula princípios civilizatórios e saberes ancestrais presentes nas culturas orais, como já assinalamos anteriormente, revelando o que adverte o filósofo senegalês Mamoussé Diagne, da Universidade de Dakar: “a oralidade, mais que um simples fato cultural”, se apresenta como uma realidade complexa, que desafia uma interpretação unívoca, uma vez que “é o efeito tanto quanto a causa de certo modo de ser social”. Pensar a oralidade nessa perspectiva significa reconhecer que ela “condiciona e estrutura uma visão de mundo”, que orienta “comportamentos que não se encontram em civilizações fundadas sobre a difusão massiva da escrita”, daí a sua importância e singularidade como legado africano ancestral de outras formas de ser, viver e pensar (Diagne apud Antonacci, 2016, p. 8-9).



Palavras finais sobre africanidades na literatura para crianças e jovens

O que essa literatura nos oferece? Qual a sua importância no currículo e na cultura escolar? Um primeiro ponto a destacar é que ela faz emergir no chão da escola diferentes autores, sujeitos, experiências e historicidades ignoradas ou estigmatizadas pela cultura ocidental, revelando-se, assim, como artefato didático valioso para os desafios propostos pelas novas trilhas pedagógicas abertas pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08. Produzida por homens e mulheres, ela tematiza culturas e histórias locais para articular projetos globais, ou vice-versa, além de transitarem em um espaço de disputas e conexões entre o tradicional e o étnico, o nacional e o regional, por um lado, o moderno, o nacional e o global, por outro. Essa produção literária vem provocando educadores e a sociedade a repensar as formas e finalidades do projeto escolar moderno, oferecendo-se como um acervo didático interdisciplinar de extraordinário valor estético para mobilizar educadores na direção dos desafios para a descolonização do currículo e das práticas pedagógicas no cotidiano da escola.

Na contracorrente da colonialidade eurocêntrica, essa literatura nos oferece novas possibilidades de visita e significação do vivido, explicitando historicidades, formas de pensar, ser e viver estigmatizadas pelo pensamento ocidental, abrindo, assim, novas perspectivas de interpretação do passado. Afinal, como afirma Reinhart Koselleck, “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem” (Koselleck, 2006, p. 306). O entrelaçamento entre passado e futuro nos remete à percepção da experiência como “passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”. As reminiscências de experiências fundidas às “formas inconscientes de comportamento” revelam não só a experiência individual transmitida por gerações e instituições, mas também a “experiência alheia”. Desse modo, podemos reconhecer essa como um “conhecimento de experiências alheias”. O mesmo podemos inferir sobre a expectativa, que está ao mesmo tempo ligada ao “pessoal e ao interpessoal”, configurando-se igualmente num “futuro presente, voltado para o ainda não”, para o não experimentado que apenas pode ser intuído, previsto ou desejado (Koselleck, 2006, p. 310).

O futuro presente que essa nova produção literária apresenta, além de um testemunho, afirma o direito à memória e à História de povos e culturas estigmatizadas no processo histórico moderno. Entretanto, nos auxilia a apresentar às crianças e jovens outros repertórios culturais, outros futuros presentes que questionam os regimes de verdade mantidos pelo colonialismo, abalando fronteiras epistêmicas e fazendo emergir sujeitos, povos e culturas considerados pela “boa” cultura branca ocidental como sem História. Vale lembrar que os modelos civilizatórios e cosmovisões que essa literatura



representa, livres das oposições disjuntivas como “cultura/natureza, corpo/saberes, arte/vida”, atravessaram a modernidade, afrontando poderes e recontando suas histórias. “Ainda que ignoradas e catalogadas como índices de raças inferiores, artes e literaturas subestimadas” persistiram em performances e “esparços sinais vitais ‘entre-lugares’, atualizando alteridades e espaços de autonomia” (Antonacci, 2014, p. 334).

Como pontua Petronilha Silva, é importante esclarecer que não se trata de abolir as origens europeias da escola da qual todos somos tributários, mas o propósito é “romper com significados produzidos em perspectivas eurocêntricas e que têm sido adversos a africanos e afrodescendentes, por instigá-los a se submeter a interesses e pensamentos que se pretendem universais” (Silva, 2010, p. 42).

É preciso que se busque “a chave que abre a porta da inteligência e da compreensão da sociedade africana” para que “o mundo africano seja estudado e desvendado na perspectiva dos africanos e afrodescendentes que, embora situados em contextos geopolíticos distintos, compartilham raízes históricas e culturais de matriz ancestral comum” (Diop apud Silva, 2010, p. 43).

A presença dessa literatura na escola é uma forma de intervenção estética feita para incidir sobre a razão colonial escolar intransigente que resiste, fazendo emergir narrativas e memórias como experiências de luta e reexistência que os sistemas educativos não podem mais insistir em negar. Há que se ler as poéticas das culturas que se pronunciam nessa literatura para se entender as historicidades e outras formas de ser e existir extra ocidentais de que são portadoras, outras temporalidades, formas de organização social e política, outras artes e saberes que celebram. Há que se embrenhar nos encantos de suas estéticas para desvelar a sua política, novas vozes, diversos contextos, enredos e personagens que nos possibilitam imaginar outros futuros.

Referências

ALCANFOR, Lucilene Rezende; PANIZZOLO, Claudia. Decolonialidade na literatura infantil e juvenil: uma nova história a ser contada. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 23, p. 01-18, 2025.

ALCANFOR, Lucilene Rezende; BASSO, Jorge Garcia. Ensino de História, Literatura e Memória. **Capoeira - Revista de Humanidades e Letras**, v. 01, p. 339-367, 2024.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2014.

ANTONACCI, Maria Antonieta. Artes da Memória de povos em diáspora: História e



Pedagogia em “condições de enunciação”. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, MS, n. 18, n. 31, pp. 244-256, jan.- jun. 2016.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil** (orgs.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. Ler a leitura. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina A. da Silva (Orgs.) **História do ensino de leitura e escrita: métodos e materiais didáticos**. São Paulo: Editora Unesp; Marília: Oficina Universitária, 2014.

CHARTIER, Roger. **Um mundo sem livros e sem livrarias?** São Paulo: Letraviva, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Portugal: Passagens, 2002.

GLISSANT, Édouard. **Introdução à poética da diversidade**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2005.

HAMPÂTÉ-BÁ, Amadou. A tradição viva. In: ZERBO, Joseph Ki (Ed.) **História Geral da África**, v. 1: Metodologia e Pré-História da África. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167- 212.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. Uma nova outra história. Curitiba: PUCPress e FTD, 2017.

ROSEMBERG, Fúlvia. Discriminações étnico-raciais na literatura infantojuvenil brasileira. **Revista Brasileira de Biblioteconomia**. São Paulo, 1979.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar: abrindo a história do presente**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Boitempo, 2022.



SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Estudos Afro-Brasileiros: africanidades. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Educação e raça**: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VERÍSSIMO, Érico. **As aventuras de Tibicuera**: que são também as do Brasil. Porto Alegre: Globo, 1978.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**. Prácticas insurgentes de resisitir, // (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Serie Pensamiento Decolonial. Quito: Abya Yala, 2013.

Recebido em: 19/08/2024

Aceito em: 05/03/2025